

A GREVE DOS PEÕES EM VOLTA REDONDA

Ana Clara Fonseca de Paula¹

Bruno Nonato dos Santos²

Paulo Célio Soares³

Resumo

Esse artigo analisa a greve dos peões de 1979, movimento reivindicatório organizado pelos trabalhadores das empresas prestadoras de serviços da CSN, e discute sua relevância no contexto de lutas pela redemocratização em Volta Redonda. Adotou-se como metodologia de trabalho a pesquisa empírica com fontes primárias, que incluem a análise de fontes iconográficas, jornalísticas, e também fontes orais, obtidas por meio de entrevistas. O objetivo foi identificar as particularidades dessa greve, partindo dos 'peões', suas condições sociais e as causas que levaram a organização desse movimento grevista realizado no interior da CSN em plena ditadura, além de analisar de que maneira esse movimento mobilizou a sociedade local.

Palavras-chaves: Ditadura. CSN. Igreja Católica. Redemocratização. Volta Redonda.

THE WORKERS' STRIKE IN VOLTA REDONDA

Abstract

This article analyzes the 1979 pedestrian strike, a protest movement organized by workers from CSN service providers, and discusses its relevance in the context of struggles for redemocratization in Volta Redonda. As a working methodology, we adopted empirical research with primary sources, which include the analysis of iconographic and journalistic sources, as well as oral sources, obtained through interviews. Our objective is to identify the particularities of this strike, starting from the 'peons', their social conditions and the causes that led to the organization of this strike movement carried out within the CSN in the middle of the dictatorship, in addition to analyzing how this movement mobilized the local society.

Keywords: Dictatorship. CSN. Catholic Church. Redemocratization. Volta Redonda.

¹Graduada em História pelo UGB/FERP.

²Graduado em História pelo UGB/FERP.

³Doutor em História pela UFRRJ) e Mestre em História Social pela USS.

Introdução

O presente trabalho tem por principal objetivo analisar como ocorreu a greve dos peões de 1979, e de que maneira esse evento foi importante para a atuação das forças populares que juntamente com o apoio da igreja Católica atuaram nas lutas pela redemocratização em Volta Redonda.

Esse movimento intitulado de ‘greve dos peões’, foi um evento sem precedentes na cidade de Volta Redonda no contexto de ditadura militar. Ele foi de extrema importância para os posteriores movimentos grevistas organizados e impulsionados pelo chamado, “novo sindicalismo”⁴.

É importante destacar que no contexto histórico analisado, os peões deflagaram essa greve sem o apoio de uma organização sindical, denunciando as péssimas condições de trabalho, alimentação e discriminação sofrida no interior da usina, tratados como se fossem ‘terceiro nível’ de operários, como afirma (Gandra, 2009).

Analisaremos como se concretizou o apoio da Igreja Católica e dos movimentos sociais e qual foi a importância desses apoios para a greve. Faremos isso por meio de uma pesquisa bibliográfica que inclui livros, artigos, e revistas que relatam a trajetória dos movimentos operários de Volta Redondos, e que fazem menção a essa greve. Utilizaremos ainda os Boletins Diocesanos, e jornais da época, que relatam o evento, e por último, recorreremos a fontes orais, por meio de entrevistas feitas com trabalhadores e demais agentes que presenciaram a greve. As entrevistas foram realizadas online por meio de vídeo chamada nos aplicativos do whatsapp e Jitsi meet,

⁴Segundo Soares (2009) o ‘novo sindicalismo’ se trata de uma corrente sindical que se desenvolveu a partir da década de 1970 e que se expressou publicamente a partir das greves da região do ABC paulista, no final desta década. Defendia uma postura de combate à estrutura sindical oficial, opositora ao burocratismo-assistencialista, ao ‘peleguismo’ e a tradição sindical construída pela hegemonia PTB-PCB, incluindo a autonomia dos sindicatos frente ao Estado e a democracia interna na organização sindical.

guiadas por um roteiro de perguntas que permitiram liberdade na fala dos entrevistados.

O início da ditadura

Após o fim da II Guerra Mundial em 1945, o mundo acreditou que poderia respirar aliviado, pois uns dos maiores momentos de destruição e morte haviam terminado. Mas não foi exatamente como se esperava, pois começou nesse momento um embate de ideias e interesses entre duas grandes potências, que saíram vitoriosas dessa Guerra, de um lado o capitalismo dos Estados Unidos, e do outro, o socialismo da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, dando início a Guerra Fria.

Os ideais das grandes potências se espalhavam pelo mundo, deixando marcas cada vez mais visíveis na história de vários países. Na América, onde os Estados Unidos buscavam banir qualquer ideal socialista do continente, apoiando golpes contra líderes de esquerda na tentativa de conter o comunismo, como é caso do Brasil. Podemos considerar o golpe de 1964 como uma consequência da polarização do contexto da Guerra Fria.

O Brasil vinha apresentando sinais de instabilidade política, desde o segundo governo Vargas, com o aumento de tensões sociais, e por conta da inflação, além do fortalecimento do movimento sindical, e político em favor das reformas de Base, que perduram ao longo do governo de Jânio Quadros. Essas tensões se tornam ainda mais fortes após a sua renúncia.

O governo de João Goulart foi marcado por grande instabilidade política e “desordem”, como afirma Soares (1994) “O resultado é que o governo não foi administrado; foi distribuído e redistribuído muitas vezes, faltando-lhe coerência e sobrando instabilidade”. (Soares, 1994, p. 27)

Jango enfrentou dificuldades para exercer seu mandato, principalmente em relação à classe mais conservadora, que resultou em grande oposição ao seu governo. Acreditavam que ele estava tentando espalhar ideias comunistas, já que ele almejava

colocar em prática as reformas de base, que incluía questões como a reforma agrária, e por conta da sua relação com os sindicatos. Foi nesse período que vários movimentos de reivindicações e lutas por direitos civis, que desde meados da década de 1950 já vinham buscando seus espaços ganharam força como afirma Segatto, 2014:

Desde meados da década de 1950, vinha ocorrendo um aumento da capacidade de mobilização do sindicalismo urbano: renovaram-se diretorias de sindicatos, federações e confederações; foram organizadas diversas entidades de trabalhadores, inclusive uma central sindical (CGT), esboçando a criação de uma estrutura organizativa horizontal, em detrimento da estrutura oficial, de perfil vertical; as lutas (greves, mobilizações) alcançaram uma razoável expansão e, além das reivindicações econômicas e corporativas, agregaram-se outras mais amplas, como as reformas de base. (Segatto, 2014. p. 43)

Esse caráter populista herdado de Vargas fez com que essa classe conservadora começasse a se posicionar contra o governo, principalmente os militares, alegando que a ideia do então presidente era de caráter comunista, e que o país estava vivendo no 'caos' e na "desordem, sem administração alguma, como afirma Soares:

O caos está sempre presente nos discursos e pronunciamentos feitos por militares a respeito da situação que levou ao Golpe de 64. Nas entrevistas e nas análises de escritos de militares, o caos e a anarquia estão entre as condições contribuintes para o golpe mencionadas com mais frequência. (Soares, 1994 p. 29).

Além de toda instabilidade política, a situação econômica do país era preocupante, uma vez que já vinha se desenvolvendo uma crise econômica resultado de governos anteriores, e essa situação piorou ainda mais após o plebiscito que deu plenos poderes ao presidente. Quando Jango assumiu o poder com a volta do presidencialismo, e com o objetivo de fortalecer a economia para que pudesse realizar as Reformas de Base, ele elaborou um plano econômico chamado de Plano Trienal,

com a finalidade de conter a inflação, e fazer acordos com o FMI, cortando créditos com empresas, e principalmente evitando aumentos salariais. Essas medidas não agradaram a população civil e muitos menos a classe conservadora, que criticaram fortemente as medidas do Plano: de um lado à esquerda o acusavam de “jogar nas costas do povo” a obrigação de resolver a crise, e de manter privilégios do capital estrangeiro. A crítica da direita ia ao sentido de acusá-lo de nacionalista e estadista. (Segatto, pág. 46, 2014).

Todas as dificuldades políticas e econômicas, com a forte oposição, e embates no congresso, o aumento de greves e reivindicações, resultou num sentimento de confrontação sem vitórias, o que levou ao enfraquecimento do governo, e parte da classe dominante começou a acusar Jango com o intuito de enfraquecer ainda mais o governo, “Combatido ferozmente pela direita e pressionado severamente pela esquerda, o governo foi sendo desgastado, caminhando inexoravelmente para o isolamento, o que engendrou uma crise difícil de ser equacionada” (Segatto, 2014 p. 50).

Apesar de todas as dificuldades enfrentadas, e com uma esperança de conseguir mais apoio, João Goulart realizou um comício na Central do Brasil, em 13 de Março de 1964, com um discurso em favor das Reformas de Base.

Esse evento que fez com que a oposição se tornasse ainda mais forte, e maior a que as camadas apoiadoras. A Marcha da Família com Deus pela Liberdade realizada no dia 18 de março de 1964, reuniu mais pessoas contra os ideais do presidente do que a seu favor. Além dos militares do exército, e diversas camadas da classe média conservadora, a Marinha também se posicionou contra o presidente. Portanto devido aos vários problemas que o governo vinha enfrentando, a forte oposição, a crise política e econômica, no dia 31 de março, de 1964, João Goulart sofreu um golpe e foi deposto do cargo de presidente da República, dando início ao período do regime militar do Brasil, que se estendeu ao longo de duas décadas, de 1964 à 1985, período que a história do Brasil será marcada por uma ausência da democracia, de direitos civis, torturas, censuras e forte repressão aos sindicatos e as leis trabalhistas, em várias cidades do Brasil.

A ditadura em Volta Redonda

Até o golpe civil militar de 1964, a classe operária de Volta Redonda vinha de uma trajetória de lutas e organizações que ocuparam significativos espaços no campo político do período democrático (1945-1964).

A cidade de Volta Redonda formou-se no modelo “Cidade-Companhia⁵”, forjada nos ideais varguistas com uma forte ideologia trabalhista que favoreceu a construção de uma consciência coletiva de pertencimento à empresa por parte de seus trabalhadores, bem como serviu de base política para sua organização como movimento político.

Portanto, se a identidade operária na CSN se construiu pelo movimento sindical reivindicatório que predominou a partir da metade da década de 50, ela se construiu também pelo consenso da ideia de preservação da CSN como símbolo nacionalista de emancipação econômica e como símbolo estatal de patrimônio público, pois havia um sentimento de patrimônio coletivo nacional, envolvendo a CSN. (Bedê, 2007, p. 198).

A partir de 1964 com o golpe civil-militar, Silva (2010) afirma que a política econômica adotada pelos militares mudou drasticamente a relação da empresa com seus operários, com a adoção de medidas de contenção de custo que consistiam na redução de quadros, arrochos salariais, mudanças nas políticas de moradia se desfazendo de suas responsabilidades sociais antigamente presentes. Essas medidas adotadas contaram com uma intensa perseguição aos sindicatos, Gandra (2009) afirma:

⁵ Gracioli (1997) aborda “cidade-companhia” ou “Company Town” como cidades em regiões controladas por uma empresa, com dupla perspectiva, ou seja, de um lado, suprir com razoável grau de garantia as necessidades da força de trabalho, através da fixação dessa pelo fornecimento de moradia e, por outro, estender o domínio da empresa ao âmbito privado dos moradores, por meio de vários mecanismos de disciplinamentos.

O golpe de 64 pode ser considerado trágico para o movimento sindical do país, assim como da região estudada: duas intervenções, prisões e torturas de diretores do Sindicato, fazendo emergir o caráter governista da entidade, que segue o mesmo caminho do país, aplicando uma política assistencialista. (Gandra, 2009, p.38).

A partir da política de repressão, os trabalhadores se viram de mãos atadas mediante as transformações que comprometeram sua estabilidade social, que se expressam numa reforma administrativa, que com o decreto nº 200, 25 de fevereiro de 1967, determinou que empresas públicas agissem como empresas privadas, visando exclusivamente o seu lucro se tornando autofinanciáveis, alterando a relação da empresa com a cidade.

A expansão da CSN: transformações na cidade e no mercado de trabalho

As medidas de cerceamento dos direitos e da proteção aos trabalhadores adotadas pelos militares tinham como objetivo fazer com que a empresa direcionasse seus gastos apenas para o aumento de sua produção. Conforme Silva (2010), o plano de Expansão D foi um projeto de expansão produtiva devido ao aumento da demanda por aços planos no mercado interno, que iniciou em 1969 sob a égide dos militares, e tinha como objetivo levar a empresa a sua capacidade máxima de produção.

A execução desse projeto promoveu a modernização da empresa, a partir da racionalização do sistema administrativo, maior introdução do sistema automotivo tecnológico em sua produção de aço e significativas transformações na composição de sua força de trabalho facilitando a redução de quadros: o operário especializado, com formação superior, seria classificado como trabalhador “estratégico” e o trabalhador de setores que não exigia conhecimento técnico fora da produção de aço, como os serviços terceirizados, seria classificado como trabalhador “periférico”.

A partir desse processo de expansão, ocorreram também o crescimento de subcontratações de empreiteiras prestadoras de serviços, ocasionando a terceirização da mão de obra através da contratação dos trabalhadores periféricos oriundos de outras cidades.

Após o início do programa de modernização, em 1975, diversas empresas interessadas no fornecimento de serviços necessários ao processo de expansão da usina se instalaram em Volta Redonda. Essas empresas ampliaram o mercado de trabalho regional reforçando as condições para a existência de um mercado para operários “periféricos”. Novas diferenciações marcariam o espaço fabril, em especial, no que tange à formação profissional e às condições de trabalho, pois o trabalho nas empreiteiras se caracterizava pela alta rotatividade e piores condições de segurança. (Silva, 2010, p. 8)

A partir da introdução dessas empreiteiras, significativas mudanças sociais e urbanas aconteceram na cidade de Volta Redonda, principalmente nas relações estabelecidas entre os próprios trabalhadores no chão da fábrica, “Novas diferenciações marcariam o espaço fabril, em especial no que tange à formação profissional e às condições de trabalho, pois o trabalho nas empreiteiras se caracterizava pela alta rotatividade e piores condições de segurança”. (Silva, 2010, p.8).

Outro reflexo ocasionado pelo processo de expansão D foi o aumento populacional significativo de Volta Redonda, com a intensificação das ondas migratórias, que agravaram os problemas urbanos e habitacionais da cidade. Silva (2010) discute esse problema, afirmando:

A migração decorrente das obras geraria um grande problema habitacional. Em 1971, segundo o relatório, a CSN possuía um total de 6.000 residências destinadas aos seus trabalhadores, com um déficit de 4.000 residências relativo aos não atendidos. Com a incorporação de 4.000 novos operários, acréscimo de operários devido à necessidade de operação, gestão e manutenção das novas unidades, o déficit subiria para 8.000 moradias. Dentre os novos cargos da usina, seriam necessários 1.370 trabalhadores, entre “semi”

e “não qualificados” e 2.571, entre os considerados “qualificados” até os de nível superior. (Silva, 2010, p. 43)

Essa onda migratória decorrente da chegada das empreiteiras prestadoras de serviço para a realização do Plano de Expansão D, ocasionou o aumento da ocupação de bairros periféricos localizados ao norte da cidade, à margem esquerda do rio Paraíba do Sul, espaço urbano que não contou com o mesmo planejamento que a “cidade nova”, localizada a margem direita do rio, a ‘cidade-companhia’ quando a CSN ainda possuía um caráter paternalista. Essa ocupação da área norte, na região do bairro Retiro, se deu, conforme Silva (2010), sob uma política de habitação autoritária:

A área disponível para ocupação ao norte da cidade, nos anos 70 e 80, sempre foi privilegiada pelas autoritárias políticas públicas de habitação voltada para a população pobre, sendo uma área distante dos principais centros da cidade. (Silva, 2010, p. 66)

Os peões: o “terceiro nível de operários”

Os trabalhadores das empreiteiras de construção civil envolvidas no processo de expansão da Usina foram identificados como “peões”⁶. Sader (1995) diz que o termo é utilizado para identificar os trabalhadores submetidos a práticas de alta rotatividade nas contratações e demissões nas linhas de montagens do ABC paulista. Em Volta Redonda, o termo foi utilizado inicialmente num sentido pejorativo e preconceituoso por parte da sociedade:

Em Volta Redonda, o termo identificaria, de forma mais precisa, o trabalhador migrante empregado nas empreiteiras envolvidas no processo de expansão da usina. As representações subjacentes a

⁶Maneira pela qual costuma se chamar os trabalhadores com baixa especialização em todo o país. Significa “(...) *aqueles que rodam e estão sempre no mesmo lugar*”, em referência situação vivida pela grande maioria da classe operária brasileira. Os trabalhadores de Volta Redonda, Começaram a utilizar esta expressão a partir dos anos setenta. (CENTRO DE MEMÓRIA SINDICAL, 1989, p. 15).

esse termo diziam respeito às diferenciações no mercado de trabalho, assim como à condição dos migrantes em sua relação com o espaço urbano. Tal designação, a princípio, adquiriu valoração pejorativa e preconceituosa tanto no tocante ao coletivo de trabalhadores da cidade como para a comunidade local. (Silva, 2011, Pág108, revista mundo do trabalho).

Eram trabalhadores que vinham majoritariamente das regiões norte e nordeste e sudeste, principalmente dos estados de Minas Gerais, Espírito Santo e da cidade do Rio de Janeiro. Dom Waldyr Calheiros, fundamental liderança que apoiou a greve e conseguiu fazer com que as vozes dos peões fossem ouvidas, em uma carta para os diocesanos de Volta Redonda e Barra Mansa no dia 21 de Outubro de 1979, relatou:

Esses nossos irmãos que se chamam “peões” são pessoas humanas, andam de um lugar para o outro, atrás de trabalho. Não são turistas. Eles andam com fome, atrás de comida. A fome é uma violência. Quem tem casa e trabalho em lugar certo sabe quanto isso dá segurança. Eles não. Deixam a casa. Procuram trabalho aqui ou acolá, onde exista. Para eles nada certo. Nada Seguro. (Dom Waldyr, 21 de outubro de 1979).

Silva (2011), afirma que a chegada dos peões migrantes de outras regiões a partir dos anos 70 reformulou o coletivo de trabalhadores da cidade.

Inseridos no processo de expansão da usina, estes trabalhadores eram considerados “terceiro nível de operários” dos quais grande parte estava envolvidos em trabalhos na construção civil.

As condições de trabalho e moradia dos peões

As condições de moradia, trabalho e alimentação que os peões encontravam na cidade expressam suas condições de “terceiro nível de operários”, e fazem destacar as “diferenciações existentes dentro do chão da fábrica” e explica de certo modo, o preconceito e o estigma que estes trabalhadores carregavam consigo na

cidade. Ernesto Braga, ex-operário da CEVS engenharia, empreiteira que prestava serviços a CSN, disse em entrevista que além de péssimas condições de trabalho:

os peões foram trazidos pra cá e colocados nos alojamentos [...] os maiores alojamentos eram esses que se encontravam no aterrado, os alojamentos eram muito grandes e com muitos peões, e os peões eram na sua grande maioria transportados por caminhões, que transportavam os trabalhadores dos alojamentos para o trabalho, nos alojamentos o clima era de muita perseguição e repressão, era constante a vistoria e vigilância, quebravam lembranças. era muito revoltante a forma como a segurança trabalhava, sempre com o apoio da polícia civil e militar, junto a isso, as condições de alimentação sempre eram muito ruins, e as condições de trabalho eram diferentes das condições de trabalho dos operários da CSN⁷.

No jornal Integração, publicado no dia 19 de outubro de 1979, em uma reportagem cujo título era, *“Peões”, quem assinou a lei Áurea não tirou Xerox!* O autor Augusto Amado, relata uma série de depoimentos desses trabalhadores desamparados pelas empreiteiras e pelo sindicato. Contam o drama da exploração e repressão aos “peões”, bem como as frustrações e as decepções devido às falsas promessas dos agenciadores das empreiteiras. No texto o autor começa:

Assisti parte do drama dos peões das empreiteiras e conversei com alguns, cujos nomes faço questão de omitir, porque o anonimato é uma garantia de segurança. Creio muito na abertura, mas não me esqueço das fechaduras. (Jornal Integração, 19 de Outubro de 1979)

Percebemos que o autor nos remete ao contexto de reabertura democrática, que apesar de estar no início, ainda existiram por muito tempo resquícios dos tempos ditatoriais, órgãos de vigilância como o SNI (Serviço Nacional de Informação) que ainda eram bem ativos, e a repressão policial aos trabalhadores e as mobilizações sociais eram presentes.

A reportagem segue dando oportunidade de fala aos peões que narram suas péssimas condições de higiene, trabalho, alimentação, ausência e precariedade na

⁷ Entrevista realizada com Ernesto Braga em 19 de setembro de 2020.

assistência médica, casos de violência e abusos de autoridade por parte da força policial no interior dos alojamentos:

Três outros me cercaram. Falam junto o mesmo hino; sofridos do mesmo salmo: a violência no alojamento: 'a polícia cisma que estamos com maconha. Invade o alojamento. Revista e não deixa ninguém piar senão o pau canta. Se por acaso tem maconha leva. Se não tem leva assim mesmo! É garfo, pente, relógio, dinheiro, os diabos. Limpeza total seu moço! '. Chego a imaginar que naquele alojamento onde vivem mais de cinco mil mal acomodados, não passa de um verdadeiro campo de concentração. (Jornal Integração, 19 de Outubro de 1979)

Todos estes fatores geraram um sentimento de revolta coletivo, que levou à eclosão da greve de 1979.

A greve mobiliza a cidade

Após a edição do AI-3 em 1966, o governo federal instituiu as chamadas Áreas de Segurança Nacional⁸. Segundo os militares na época, para que uma cidade fosse considerada Área de Segurança Nacional, era preciso atender a quatro critérios, que eram de importância política, militar, econômica e psicossocial, e Volta Redonda se enquadrava em todos esses critérios, principalmente econômico, por se tratar do momento de expansão que a CSN vinha buscando.

Em 1973, por meio do decreto de 1273/73 assinado por Médici, Volta Redonda tornou-se área de segurança nacional, fator que levou ao fortalecimento do poder militar e o enfraquecimento dos movimentos sociais que vinham ganhando espaço. Segundo Egalon (2002), o fato da cidade de Volta Redonda ser transformada em área de segurança nacional, estava ligado ao processo de expansão D da CSN, ou 4º plano de expansão, momento que precisava de grande controle sobre os movimentos

⁸ As Áreas de Segurança Nacional foram instituídas pelo governo federal em 1966 com a edição do AI-3, englobando as capitais estaduais e os municípios considerados estratégicos para a segurança nacional. (Soares, 2019, p. 160).

sociais que estavam se expandindo, principalmente por meio do apoio da Igreja Católica e dos grupos da oposição.

A Greve dos Peões se deu exatamente nesse contexto. Em 1979 a cidade ainda era área de segurança nacional, e nesse momento os órgãos de controle estavam atuando fortemente, com a repressão em níveis cada vez mais altos. Não havia liberdade alguma de poder usufruir de alguns direitos civis que já estavam sendo permitidos em outras cidades, a CSN vivia um momento de expansão, e a população de Volta Redonda crescia rapidamente devido às migrações de trabalhadores que vinham em busca de emprego nas fábricas.

Segundo relatos de Ernesto Braga, “... a segurança, que tinha o apoio da polícia da cidade, chegava para fazer as revistas e ia revirando tudo, quebrando coisas, como os radinhos, lembranças que eles tinham”, segundo ele era uma situação revoltante de se ver.

Segundo Soares (2013), os trabalhadores não tinham liberdade, não tinham voz e nem representatividade, pois o sindicato da construção civil naquele momento era só mais um instrumento de manipulação dos trabalhadores, e à oposição sindical que estava em ascensão também não se manifestou.

Diante da falta de representatividade, de voz e de insatisfação, os trabalhadores se revoltaram e fizeram explodir a greve no dia 15 de outubro de 1979 dentro da empreiteira Odebrecht, quando aconteceu uma confusão após um dia cansativo de trabalho, onde eles se revoltaram e começaram a reivindicar o aumento de 70% do salário, melhores condições de alojamentos e das refeições, e principalmente contra a violência policial sofrida diariamente. O Jornal do Brasil narrou essa situação e o início da greve:

Os entendimentos promovidos pela DRT à tarde foram inúteis. Os trabalhadores – através de seus representantes – não sabem reivindicar melhoria de salário e muito menos definir a que classe eles pertencem. O rancor maior era contra a PM e a vigilância da Construtora Norberto Odebrecht. (Jornal do Brasil, 17 de outubro de 1979)

Um outro grande veículo nacional de imprensa também noticiou a greve:

A coisa vem assim há tempos, a comida é uma lavagem, os trabalhadores são espancados e conduzidos a revolver e metralhadoras. Ontem (anteontem) aconteceu a que se esperava: um engenheiro humilhou um operário e formou-se uma confusão dentro da CSN. O guarda de segurança Abel Araújo, para acabar com a discussão, sacou o revolver e começou a disparar. Foi quando a coisa envenenou.”⁹. (Jornal, O estado de São Paulo, 17 de outubro de 1979)
¹⁰

A revolta começou por parte dos trabalhadores da Odebrecht, empreiteira que tinha o maior número de trabalhadores, e mais ou menos dois dias depois já contou com a participação de trabalhadores de outras empreiteiras, fortalecendo o movimento.

As condições de alimentação eram precárias. A comida servida aos trabalhadores estava armazenada em um container as margens de um rio perto do bairro Conforto. No dia que a greve estourou, os trabalhadores jogaram a comida toda no rio, perto de onde os containers estavam localizados, e a partir daí começou a confusão, marcando o início da greve, e não demorou muito para aparecer nas páginas dos jornais da época.

Cerca de três mil trabalhadores da construtora, Norberto Odebrecht nas obras de expansão da Cia Siderúrgica Nacional em Volta Redonda, pedindo aumento de Cr\$ 16,20 para Cr\$ 17,80 por hora, quebraram e incendiaram escritórios, jogaram num rio 500 quilos de comida do refeitório (...) (Jornal do Brasil, ¹¹16 de outubro de 1979).

⁹Relato de um operário que não quis se identificar, ao Jornal O Estado de São Paulo.

¹⁰Vide o jornal em arquivo na Paróquia Nossa Senhora da Conceição no Conforto.

¹¹Arquivo de jornais sobre a greve de 1979, elaborado por um grupo de jovens que estavam estudando para padre na Igreja Nossa Senhora da Conceição, no Bairro Conforto em Volta Redonda.

Volta Redonda – A rebelião dos peões – a greve que se iniciou na madrugada de ontem com 3 mil 200 trabalhadores da construtora Norberto Odebrecht – deverá ampliar-se a partir de hoje e veio revelar as condições subumanas de quase 9 mil empregados contratados. (Jornal do Brasil⁶, 17 de outubro de 1979).

Segundo Soares (2013), cerca de 12.000 funcionários das firmas empreiteiras saíram em passeatas pelas ruas da cidade, o que assustou a sociedade, já que todos foram pegos de surpresa. Marlene Fernandes ¹² relatou que eram uma massa de trabalhadores maus vestidos, maltrapilhos, e os comerciantes fecharam as portas dos estabelecimentos por medo de serem saqueados ao ver aquela multidão saindo pelas ruas.

Uma de nossas entrevistadas, Elvi Vasconcelos¹³, relatou que no dia que a greve estourou, ela estava dando aula na Escola Themis de Almeida Vieira, localizada no bairro Conforto, quando de repente começou uma agitação muito grande na rua, e muitos trabalhadores começaram a pular o muro da escola para se proteger dos policiais que chegaram com a tentativa de controlar os peões, agindo violentamente.

Os trabalhadores jogaram a comida no rio, e claro que os empreiteiros chamaram a polícia que veio armada até os dentes. Eles saíram correndo daqui e dali, e pularam o muro da escola. (...) Muitos operários conseguiram entrar, mas os outros que não conseguiram, a polícia colocou todos encostados no muro com as mãos para cima (...), foi um acontecimento terrível de se ver.¹⁴

A greve inicialmente foi considerada ilegal pelo Tribunal Regional do Trabalho, pelo fato de não ter nenhuma negociação com a empreiteira antes de começar o movimento, e ainda ter pessoas ilegais infiltradas ¹⁵ que não eram operários participando do movimento.

¹²Entrevista realizada com Marlene Fernandes, no dia 25 de setembro de 2020.

¹³Entrevista Realizada com Elvi Vasconcelos da Silva, dia 4 de outubro de 2020.

¹⁴Fala de Elvi Vasconcelos.

¹⁵Segundo Nota dos trabalhadores à população do dia 19 de outubro de 1979, os infiltrados ilegais a que estão se referido, são a população, Dom Waldyr e alguns parlamentares.

De início, o movimento foi duramente reprimido pelos pela polícia. Muitos trabalhadores foram espancados, outros foram presos, e há relatos de que trabalhadores morreram nos canteiros de obras em confronto com a polícia. Um dos jornas da época chegou a publicar sobre essas supostas mortes.

Em menos de uma semana de greve, Volta Redonda, a “cidade do aço” fluminense já registra três mortos nos canteiros de obras das empreiteiras: o primeiro, Jonas Pereira da Silva, foi morto no dia que em que eclodiu o movimento, no início da semana, durante conflito envolvendo inclusive policiais. E os dois últimos foram assassinados na madrugada e na manhã de ontem. (Jornal, Folha de São Paulo, 22 de outubro de 1979).

Mesmo em meio à intensa repressão policial, “chantagens” por parte das empreiteiras e do Tribunal Regional do Trabalho, ameaçando demitir os trabalhadores por justa causa se não retornassem imediatamente ao trabalho, eles não fizeram cessar a greve, e começaram a buscar o apoio da população pois uma vez que a greve fosse considerada ilegal, era muito provável que a CSN não mais fornecesse alimento para os grevistas.

A Igreja e a força mediadora de Dom Waldyr

Devemos ressaltar que naquele momento de luta, os trabalhadores não contavam com as forças do sindicato da construção civil e nem de lideranças políticas, pois esses não manifestaram apoio ao movimento.

Sobre essa questão, o jornal Integração publicou textos que abordaram a ausência de representatividade dos sindicatos. Segundo a reportagem do dia 19 de outubro, somente o presidente do sindicato dos taxistas da cidade, o Sr. Valdir, demonstrou apoio aos peões. Em entrevista ao jornal ele dizia que a culpa de tudo o que estava acontecendo não era dos trabalhadores, e sim dos patrões que ficam cada

vez mais ricos enquanto os operários ficavam cada vez mais pobres, completou dizendo “*O patrão come caviar enquanto o empregado come lavagem*”¹⁶.

Essa situação de ausência de organização sindical e falta de representatividade, levou os grevistas a buscarem apoio da população e da Igreja Católica, que tinha Dom Waldyr¹⁷ como líder. Imediatamente o bispo acolheu os grevistas na Igreja Nossa Senhora Aparecida, local que foi utilizado por eles para a realização de reuniões e assembleias. Disponibilizou a cúria diocesana como centro de apoio aos peões, articulou serviços de acessória jurídica, e criou uma comissão de defesa dos peões.¹⁸

Uma cozinha foi montada na Igreja, e Dom Waldyr, por meio de cartas e avisos da cúria que tinham que ser lidos nas missas, pedia ajuda dos fiéis para que eles se solidarizassem à causa dos trabalhadores, e buscava deixar claro que eles não eram bandidos, mas sim trabalhadores que lutavam por justiça. “Estes nossos irmão que se chamam “peões” são pessoas humanas, andam de um lugar para o outros, atrás de trabalho Não são turistas. Eles andam com fome atrás de comida” (Dom Waldyr, outubro de 1979)¹⁹. As comunidades católicas se solidarizaram com as lutas dos trabalhadores, e a até as mais pobres, forneceram alimentos para que os trabalhadores continuassem a lutar pelos seus direitos (Soares, 2013).

Os militares insistiam em jogar a população contra os grevistas, infiltravam policiais à paisana na tentativa de incitar os trabalhadores ao tumulto, espalhavam boatos na tentativa de deixar a população com medo. E mais uma vez a igreja de Dom Waldyr se unia para provar o contrário. Nas missas do domingo dia 21, foram distribuídos panfletos nas portas das igrejas com o objetivo de acalmar a população em relação aos boatos espalhados pelos policiais.

Na carta direcionada aos diocesanos¹⁵ o bispo deixa clara a tentativa dos policiais em “sabotar” o apoio da população, dizendo: “Estão querendo jogar a

¹⁶Depoimento do Sr. Valdir em entrevista ao jornal Integração, 1979.

¹⁷Bispo diocesano da Diocese de Barra do Pirai e Volta Redonda em 1979.

¹⁸Documento “Aviso da Cúria diocesana” do dia 28 de outubro de 1979.

¹⁹Carta Do Bispo Dom Waldyr aos diocesanos de Barra Mansa e Volta Redonda, 21 de outubro de 1979.

população contra eles, dizendo que vão invadir o comércio. Eu não acredito nisso. Os cristãos não vão deixar que eles passassem fome e não possam defender o que é justo” (Dom Waldyr, 1979). O apoio de uma instituição que tinha voz e representatividade como a igreja Católica no contexto de Ditadura, foi fundamental para o fortalecimento do movimento. Além do apoio maciço da Igreja, os grevistas também contaram com apoios de outros grupos e movimentos de oposição, como o Movimento pela Anistia, o CEP ²⁰, a Pastoral Operária Católica²¹, e alguns membros da Oposição Sindical Metalúrgica.

Segundo Marlene Fernandes, o CEP, que era formado em maioria por mulheres, não atuava como “linha de frente”, mas sim garantindo apoio nas assembleias, com discursos favoráveis à greve: “Como a gente já tinha feito a greve do magistério antes da greve dos peões, nós sabíamos como funcionava, então a gente ia lá discursar em apoio, e eles ficavam impressionados com aquele monte de mulher fazendo greve” ²²

Os políticos locais também não tiveram interesse de participação mais ativa no movimento, com exceção de Júlio Caruso, então vereador pelo MDB, que desempenhou um papel muito importante naquele momento, ajudando nas negociações e na libertação de peões que eram presos nas mobilizações.

Todos esses grupos, principalmente a Igreja, desempenharam um papel fundamental para a união de forças em apoio aos peões nas suas reivindicações por condições de sobrevivência, pelos seus direitos como seres humanos. Esses grupos se uniram com o objetivo de lutar pela valorização do ser humano, e principalmente por aqueles que mais precisam. Soares aborda essa questão:

Pessoas diferentes, de meios diferentes, preservando sua identidade, lutaram pelo que julgavam justo, passando por cima de desentendimentos e divergências em prol de um objetivo comum: a valorização do ser humano e a luta por seus direitos. Foi um momento de confluência dos movimentos sociais em Volta Redonda. (Soares, 2013, p. 18)

²⁰Centro Estadual dos Professores, Fundado Por Marlene Fernandes.

²¹Segundo Marlene Fernandes era Formada por trabalhadores da Periferia, ligados à construção civil.

²²Entrevista realizada em 25 de Setembro de 2020

E depois de muita resistência por parte das empreiteiras em não aceitar as reivindicações dos trabalhadores e da repressão policial, os peões assinaram um acordo que colocou um fim na greve no dia 22 de outubro, após uma semana de paralização. Dentre as reivindicações atendidas estavam, aumento salarial, diminuição no preço das comidas, melhores alojamento e transportes; tolerância de 10 minutos na batida de ponto, e substituição da guarda interna que não mais poderia andar armada.

Considerações finais

A greve dos peões de 1979, além de ser um evento sem precedentes no contexto de ditadura militar na cidade de Volta Redonda, foi de muita importância para os posteriores movimentos de luta pela redemocratização, servindo como base de apoio para a quebra do receio de se fazer mobilizações na cidade naquele momento histórico (Gandra, 2009).

O movimento se notabilizou por apresentar uma reação às péssimas condições de vida a que os trabalhadores das firmas empreiteiras eram submetidos, e a que a cidade ignorava. Segundo Marlene Fernandes até essa greve estourar esses trabalhadores eram invisíveis para a sociedade local.

Vemos que o movimento serviu como um grito de alerta contra essas situações precárias e desumanas dos peões. Ele foi organizado quase que espontaneamente em protesto contra essas péssimas condições de vida e trabalho desses trabalhadores precarizados, gerando uma rede de solidariedade que mobilizou a sociedade de Volta Redonda, incluindo a Igreja católica, considerada por Antônio Carlos Santine²³, a principal mediadora do conflito.

A Igreja Católica, que sempre foi vista pela história como aquela que sempre esteve ao ligada às classes dominantes, nos faz reconhecer que a religião pode se

²³Jornal Opção, 27 de outubro de 1979.

tornar uma força de resistência moral e expressar a revolta das classes subalternas. (Gramsci 2004).

A partir desse momento, outros movimentos, como a Oposição Sindical, que estava em ascensão, foi beneficiada por essa greve, fortalecendo a insatisfação crescente com a direção do sindicato dos metalúrgicos (Soares, 2011).

O sucesso da greve deu-se principalmente pelo apoio da igreja e de Dom Waldyr Calheiros, que serviu de força mediadora entre os peões e as empreiteiras, além de mobilizar a sociedade juntamente com as CEB's (Comunidades Eclesiais de Base). Contudo, é de extrema importância ressaltar que o próprio Dom Waldyr, reconheceu o protagonismo dos peões na greve, que eles mesmo sem o apoio sindical e com as piores condições de trabalho e alimentação, se levantaram e iniciaram a revolta, conscientizando a toda a população e dando força e inspiração a outros trabalhadores.

Aqueles trabalhadores pobres e ignorantes, pejorativamente rotulados de peões, descobriram que tinham força e que podiam lutar por melhorias. Aqueles homens entenderam que deveriam levantar a cabeça e assim abriram um leque de novas possibilidades para o movimento operário da Cidade do Aço. Mesmo com as suas limitações, a greve empreendida pelos peões foi um marco na luta dos trabalhadores de Volta Redonda. (Soares, 2013, p. 19)

Essa greve mostrou sobretudo a capacidade de organização dos trabalhadores, que contra toda situação adversa, lutam pelos seus direitos e por uma vida digna. Mobilizou a sociedade, e com apoio de diversos atores sociais, em um contexto de ditadura, conseguiu uma expressiva vitória e direitos básicos, afirmando que a dignidade humana deve vir sempre em primeiro lugar.

Referências

ALVES, Maria Helena Moreira. **Estado e Oposição no Brasil (1964-1984)**. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1979.

BEDÊ, Edgard Domingos Aparecida Tonolli. **Pedagogia do mundo do Trabalho na Companhia Siderúrgica Nacional: Americanismo, compromisso Fordista e a Formação da Classe Operária em Volta Redonda**. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal Fluminense. Volta Redonda, 2007.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves; FERREIRA, Jorge. **O Brasil Republicano: O Tempo da Ditadura- Regime Militar e Movimentos Sociais em fins do século XX**. 2 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

EGALON, Janaína R. **Volta Redonda como Área de Segurança Nacional: o abandono da política de direitos sociais (1973-1985)**. Dissertação de mestrado. Programa de Mestrado em História, Universidade Severino Sombra, Vassouras (RJ), 2002.

GANDRA, Marco Aurélio Ramalho. **Cidade “Vermelha” do Aço: Greves, Controle Operário e Poder Popular em Volta Redonda (1988-1988)**. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal Fluminense. Niterói, Rio de Janeiro, 2009.

GRACIOLLI, Edílson José. **Um caldeirão chamado CSN: resistência operária e violência militar na greve de 1988**. Dissertação (Mestrado em História) Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia: 1997.

GRAMSCI, Antônio. **Escritos políticos, volume 2: 1921-1926**. Edição e tradução, Coutinho, C. N. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

NAPOLITANO, Marcos. **A História do Regime Militar Brasileiro**. 1 ed. São Paulo: Contexto, 2014.

SADER, Eder. **Quando Novos Personagens Entram em Cena**. 1 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1988.

SEGATTO, José Antônio. **Crise Política e Derrota da Democracia**. In: VALE, Maria Ribeiro do. (Org): **1964-2014: O golpe Militar, História, Memória e Direitos Humanos**. 1º ed. Araraquara: Cultura Acadêmica, 2014.

SILVA, Eduardo Ângelo da Silva. **Conexões Urbanas e Fabris: Experiência, Cultura e Identidade de Classe em Volta Redonda (1970-1980)**. São Paulo: ANPUH, 2011. Disponível em: file:///D:/TCC/ArtigoEduardo_Conexoesurbanasefabris-EduardoangelodaSilva-SNH2011.pdf

_____, **“Arigós” e “Peões” na “Cidade do Aço”**: Experiências urbanas e fabris, cultura e Identidade de Classe (Volta Redonda- RJ, 1970-1980). Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Nova Iguaçu, 2010.

SILVA, Eduardo Ângelo da; SILVA, Leonardo Ângelo da. **Industrialização, urbanização e formação de classe em Volta Redonda (1945-1979)**: O Fim do estado novo aos tempos da Ditadura. Rio de Janeiro: Revista Mundo do Trabalho, v.4, nº5, 2011.

SOARES, Paulo Célio. **Encontros e Confrontos na Frágua**: Igrejas, Esquerdas e Militares em Volta Redonda (1967-1974). Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Seropédica, Rio de Janeiro, 2019.

SOARES, Paulo Célio. **As Lutas pela Redemocratização em Volta Redonda (1974-1979)**. Volta Redonda: Episteme Transversais, v.4, nº 2, 2013.

SOARES, Gláucio Ary Dillon. **O Golpe**. In: D'ARAÚJO, Maria Celina. (org). **21 Anos de Regime de Regime Militar**: Balanços e Perspectivas. 1º ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1994.

SOUZA, Jessie Jane. **Círculo Operário, A Igreja Católica e o Mundo do Trabalho no Brasil**. 2 ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2000.

Fontes Pesquisadas

Jornais

1. Jornal do Brasil
2. Jornal O Estado de São Paulo
3. Jornal Integração
4. Folha de São Paulo
5. Jornal Opção

- Arquivos do Jornal Opção Disponível para consulta pública na sede do Jornal A Voz da Cidade em Barra Mansa.

Documentos pesquisados

1. Aviso da Cúria Diocesana as Missas do dia 27 e 28 de outubro de 1979.

Rev. Episteme Transversalis, Volta Redonda-RJ, v.13, n.1, p.28-50, 2022.

2. Carta do Bispo Waldyr aos diocesanos em Volta Redonda e Barra Mansa.
 3. Declaração da ACO de Volta Redonda de 1979.
 4. Nota da Comissão de Trabalhadores da Construção Civil à População.
- Arquivos disponíveis para consulta na Paróquia Nossa Senhora do Conforto em Volta Redonda.

Entrevistas realizadas

Devido a atual situação de pandemia por coronavírus, as entrevistas foram realizadas online, por meio de vídeo chamada nos aplicativos do whatsapp e Jitsi meet, guiadas por um roteiro de perguntas que permitiram liberdade na fala dos entrevistados. Os entrevistados foram:

1. Elvi Vasconcelos, professora, fundadora do CEPE, do Movimento Pela Anistia Política e do PT, e atuou nos movimentos populares nos anos de 1970.
2. Ernesto Braga, Trabalhou na Empreiteira SERVIX Engenharia como ajudante de soldador na expansão da CSN, e participou da Greve dos Peões em 1979.
3. Marlene Fernandes, professora, fundadora do CEPE, Fundadora do PT, militou nos movimentos feministas e populares no final dos anos de 1970.